



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – FACL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DE NAZARÉ VASCONCELOS BALIEIRO

D. AMÉLIA: O preconceito racial em chove nos campos de Cachoeira

ABAETETUBA
2019

MARIA DE NAZARÉ VASCONCELOS BALIEIRO

D. AMÉLIA: O preconceito racial em chove nos campos de Cachoeira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Esp. Garibaldi Nicola parente.

MARIA DE NAZARÉ VASCONCELOS BALIEIRO

D. AMÉLIA: O preconceito racial em chove nos campos de Cachoeira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Esp. Garibaldi Nicola parente.

Data da avaliação: ___/___/_____

Conceito _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a.Ma. Elielma do Socorro Lobo Santos
Examinadora-UFPA

Prof^o. Esp. Garibaldi Nicola Parente
Orientador – UFPA

D. AMÉLIA: o preconceito racial em chove nos campos de Cachoeira

Maria de Nazaré Vasconcelos Balieiro¹
Garibaldi Nicola Parente²

RESUMO

O presente trabalho tem como tema "D. Amélia: o preconceito racial em chove nos campos de Cachoeira". O objetivo desse trabalho é analisar o preconceito racial na literatura de Dalcídio Jurandir (1909-1979), na obra "Chove nos Campos de Cachoeira". O intuito da análise demanda para a questão do preconceito racial, ou seja, o racismo, com base nas relações sociais de personagem e conhecer, por meio da narrativa, a veracidade dos menos favorecidos, dando-se destaque para a denúncia das mazelas sociais na literatura regionalista. A pesquisa teve como metodologia à análise bibliográfica sob as contribuições dos teóricos Salles Vicente (1988); Maria Giacomini (1988) e Angela Daves (2016), entre outros, pautadas em uma abordagem qualitativa. Os principais achados do trabalho demonstram uma perspectiva acerca do preconceito racial a partir dos teóricos que se ancora nas desigualdades sociais, do modo de vida e o tratamento imposto por uma sociedade preconceituosa.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir. Preconceito racial. Literatura Regionalista.

ABSTRACT

The present work has as theme "D. Amelia: the racial prejudice in rain in the fields of Cachoeira". The aim of this paper is to analyze the racial prejudice in the literature of Dalcídio Jurandir (1909-1979), in the book "Rain in the Campos de Cachoeira". The purpose of the analysis demands the issue of racial prejudice, that is, racism, based on social relations of character and to know, through narrative, the truth of the less favored. Therefore, highlighting the denunciation of social ills in regionalist literature. The research had as methodology to the bibliographical analysis under the contributions of theorists Salles Vicente (1988); Maria Giacominis (1988) and Angela Daves (2016), among others. Therefore, an approach is taken about racial prejudice, social inequalities, lifestyle and the treatment imposed by a prejudiced society.

Keywords: Dalcídio Jurandir. Racial prejudice. Regionalist Literature.

¹Graduanda do curso de letras- Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Abaetetuba. Possui Graduação em Pedagogia. Trabalha como Profissional de apoio Educacional (Intérprete de Libras) na escola Municipal Joaquim Mendes contente e na Escola Municipal santa Anastácia.

² Professor e Orientador da Universidade Federal do Pará

Introdução

O presente trabalho ostenta o seguinte tema "D. AMÉLIA: o preconceito racial em Chove nos Campos de Cachoeira". O objetivo geral é analisar o preconceito racial na obra de Dalcídio Jurandir (1909-1979), "Chove nos Campos de Cachoeira".

Historicamente a mulher negra foi inferiorizada, estereotipada como frágil e inferior, mas aos poucos vem se tornando subversiva e conquistando seu espaço na sociedade. É pertinente o papel e a atuação das mulheres afrodescendentes na sociedade, principalmente no aspecto social e cultural, que envolve a Arte e a Literatura. Entretanto, essa temática torna-se relevante, pois, contribuirá para uma concepção educativa, discursiva e reflexiva. Tendo na Educação um espaço para o desdobramento dessa práxis, subsidiando na formação de sujeitos críticos e participativos que valorizam a Literatura como prática social.

Essa pesquisa surgiu da ideia de valorizar escritores paraenses, a literatura regionalista e os aspectos regionais da Amazônia. Inicia-se a partir da seguinte problemática: Como o autor de Dalcídio Jurandir trabalha o preconceito racial na obra "Chove nos Campos de Cachoeira"?

Logo, a metodologia utilizada é uma análise bibliográfica sob as contribuições dos teóricos Salles Vicente (1988); Maria Giacomini (1988) e Angela Daves (2016), entre outros. O objeto de estudo é a obra de Dalcídio Jurandir "Chove nos Campos de Cachoeira". É o primeiro romance da série "Extremo-Norte" romance regionalista que representa uma espécie de clássico da narrativa amazônica, publicado em 1929 pela editora Cejup, para essa pesquisa utilizou-se a 4ª edição da obra publicada em 1995.

Portanto, estabelecemos para essa pesquisa os seguintes objetivos específicos. Refletir sobre a importância da mulher afrodescendente para Literatura. Identificar o racismo na obra chove nos Campos de Cachoeira. Discutir a importância da Literatura Amazônica na obra de Dalcídio Jurandir.

Sendo assim, essa obra ocasionou imediato contentamento para Dalcídio Jurandir e ao mesmo tempo incorporou a paisagem marajoara à produção literária regionalista. Constatamos que a caracterização do cenário e seus elementos, em alguns estágios da narrativa "Chove nos campos de Cachoeira", é uma imitação das

peculiaridades inerentes dos personagens e que serão discutidas nos tópicos a seguir.

2 A mulher negra no Brasil

Pesquisar sobre o preconceito racial na Literatura é percorrer a historicidade, é relembrar uma época de muitas repressões, é lembrar o período da escravidão. Uma época em que muitas mulheres negras sentiram na pele, o sofrimento por ter sido ignorada, exposta a violência, a discriminação e até mesmo a morte. Por isso, salientamos nessa pesquisa à importância das mulheres afrodescendente para a Literatura.

Figura 1: As mulheres escravas



Fonte: GELEDES, 2016

A figura acima mostra as diferentes escravas que viviam naquela época, suas vestimentas e seus modos de vida.

Para Brasil (2013, p. 22) “a história dos meus antepassados foi contada de forma fragmentada, o que resultou numa lacuna em minha própria identidade: a história do meu povo se integrou à minha própria história”. Na percepção do autor podemos considerar que os afrodescendentes poucos souberam ou sabem o que realmente aconteceu com seus antepassados que viveram na escravidão.

Entretanto, nesse contexto podemos considerar que a cultura negra ou cultura afro foi de certa forma inserida na cultura do povo brasileiro. Fatores esses, que contribuíram com a nossa identidade, resultando assim em vários aspectos como: religião, dança, culinária e música.

A escravidão iniciou nas regressas viagem da África. Nos porões das embarcações portuguesas no século XVI até o ano de 1850, quando a comercialização foi proibida. As escravas trazidas para o Brasil trabalhavam como mão de obra nos engenhos de açúcar do nordeste, e nas plantações de café.

Figura 2: Mulheres escravas na colheita de café no Vale do Paraíba, 1882.



Fonte: www.historiaillustrada.com.br

A Figura acima mostra várias mulheres escravas trabalhando juntamente com os homens nas plantações de café. Isso demonstra que essas mulheres eram tratadas iguais os homens escravos.

pois a negra é coisa, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque além de escrava é mulher. evidentemente essa maneira de viver a chamada 'condição feminina' não se dá fora da condição de classe (...) e mesmo de cor. (GIACOMINI,1982, p. 23).

Como podemos perceber na citação de Giacomini (1982), a escravidão para a mulher negra, como constatamos, significou além dos martírios habituais aos homens, outros fatos que versavam unicamente sobre ela.

Por conseguinte, a comercialização das mulheres escravas vindas da África tornou-se um mercado bastante lucrativo. Elas eram amas de leite, lavadeiras, cozinheiras, faziam todo o trabalho doméstico das casas dos senhores do engenho. Como escravas eram submetidas a trabalhos forçados e massacrantes. Além dos trabalhos humilhantes, eram espancadas, e sofriam também com a violência sexual, ou seja, se tornavam objeto de prazer para os poderosos.

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVES, 2016.p.4)

A considerar pela progressiva concepção da feminilidade. Que evidenciava o dever das mulheres como mães, colaboradoras e donas de casa, dedicadas para seu cônjuge, às mulheres escravas na realidade viviam sob a desigualdade social, aos abusos sexuais e sem qualquer forma direitos preestabelecidos. Portanto, os relatos e experiências vividas por essas mulheres negras, suas maneiras de subsistência e de variabilidade social, permite compreender os fatos ocorridos naquela época, sendo possível descrever esses acontecimentos nos dias de hoje.

Assim, as diversas pesquisas já realizadas demonstram que o sistema escravista no Brasil foi um processo de extensa duração, que foi instaurado pela coroa portuguesa no Brasil colônia, firmado pelo conjunto judicial, pelo clero e pelos latifundiários e desapareceu com a Lei áurea em 1888.

De acordo com Peres e Azevedo (2015), a escravidão do negro foi evidente em todos os lugares do Brasil, e a Amazônia não ficou intacta, todavia, a figura negra na Amazônia se tornou exorbitante desde a fundação da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e do Maranhão em 1755. Onde se fomentou a produção agrícola local.

Para o Salles (1988), o aparecimento do negro na Amazônia se estabeleceu por muitos anos como um tema ignorado, assunto sem importância, ou seja, sem valia. Assim sendo, na região Amazônica, o negro jamais chegou a se caracterizar de forma significativa, apenas em lugares muito reservado. Mas ocasionou evidências significativas que colaborou com a nossa cultura, além de configurar no decorrer do sistema da escravidão, a baseada sustentação agrária, na província do Grão Pará.

Segundo Salles (1988), “a localidade amazônica teve aproximadamente mais de 53 mil escravos no período entre 1755 e 1820, com a atuação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão” (SALLES, 1988, p.51).

3 A mulher negra: invisibilidade na literatura

Os diversos percursos das mulheres afrodescendente na literatura brasileira foram efetivados por uma trajetória estabelecida pela invisibilidade. O espaço para elaboração literária feminina, a cada instante teve maiores barreiras, principalmente de se adentrar no mercado editorial.

Nomear o que seria literatura afro-brasileira e quais seriam os seus produtores é uma questão que tem suscitado reflexões diversas. Há muito, um grupo representativo de escritores(as) afro-brasileiros(as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um *corpus* literário específico na Literatura Brasileira. (EVARISTO, 2009. p. 17)

Essa antologia se constituiria como uma elaboração escrita estabelecida por uma particularidade construída e experienciada a partir da descrição de mulheres negras na sociedade brasileira. Porém, existem teóricos, leitores e inclusive autores afrodescendentes que contestam a presença dessa literatura negra no Brasil.

Contudo, no delineamento de gênero, a atuação de mulheres negras é ainda mais complexa, se assemelhando à produção literária dos homens negros. Dentro de uma conjuntura efervescente, escritoras negras procuram as mais diversas formas de oportunidades para divulgar suas produções. Por outro lado, a Literatura Negra ou Literatura Afro-Brasileira tem uma incumbência social, de certa forma, busca dar mais visibilidade para as produções literárias das mulheres negras/os no Brasil.

No Brasil, nos últimos anos tanto na Literatura como em outras áreas sociais, a busca por mais visibilidade das mulheres negras se intensificou

consideravelmente. Atualmente, percebemos uma maior participação delas, no contexto político e sociocultural. Consequentemente, essa maior participação tem contribuído na elaboração das políticas públicas, voltado principalmente para igualdade de gênero e raça, ou seja, por mais direitos para os negros, principalmente, respeito, valorização e oportunidade.

Assim, essa invisibilidade na Literatura nutre com a obrigação de evidenciar a contribuição das mulheres afrodescendente no contexto social e cultural. Visto que, essa participação promove diálogos, debates e reflexões. Portanto, é de suma importância para a Educação a propagação dessa temática. Que ressalte a construção do respeito para com o outro. Destacando-se positivamente para a questão da visibilidade das mulheres negras na sociedade, sendo essas ações um elo na busca por igualdade, direitos e oportunidades para todos.

4 O preconceito racial em chove nos campos de cachoeira

A obra *Chove nos Campos de Cachoeira* apresenta várias temáticas sociais como: ciúmes, morte, poder, discriminação, dinheiro, hierarquias sociais, prostituição, miséria e fome. Entretanto, enfatizamos nessa pesquisa o preconceito racial, ou seja, o racismo e a discriminação vivido pela personagem D. Amélia.

D.Amélia era uma pretinha de Muaná, neta de escrava, dançadeira de coco, de isquetes nas ilhas, cortando seringas, andando pelo BAGRE, perna tuíra, apanhando açai, gapuiando, atirada ao trabalho como um homem. (JURANDIR, 1995. p78).

D. Amélia é a pretinha de Muaná, na obra o termo "pretinha" ecoa para o lado negativo é uma expressão de cunho pejorativo, isto é, Racista. D. Amélia é descrita na obra como uma mulher trabalhadora, isto é, eficiente. Chega a ser comparada nada a menos que o homem. Mas, para uma sociedade preconceituosa ser negra e pobre, é uma particularidade inerente à vista de certos grupos pré-estabelecido a base da exclusão social.

A palavra "racial" se refere à raça, ou seja, é empregado para designar negros/as, pretos/as e pardos/as e descendentes de negros.

O racismo se manifesta de diferentes formas, desde atitudes no âmbito das relações individuais, a relações estruturais e institucionalizadas. Manifesta-se tanto em ações concretas de discriminação racial, como em atitudes de omissão frente a injustiças decorrentes da condição étnico-racial. É gerador de múltiplas violências, guerras, desigualdade racial, perseguição religiosa, extermínio. E pode estar subjacente a ideias preconceituosas e a práticas

de discriminação, segregação, isolamento social e aniquilamentos. (BRASIL, 2016.p. 11).

Embora no Brasil o preconceito e a discriminação contra o negro ainda persistam. Essas atitudes têm se manifestado de diferentes maneiras na sociedade, seja de forma individual ou coletiva. Entretanto, atitude racista e discriminatória deve ser combatida, visto que, tal conduta provoca violência, segregação e intolerância racial entre as pessoas.

Preconceito que, se é odioso nos países cuja população é predominantemente branca, torna-se além disso grotesco no nosso caso, isto é, num país onde grande parte dos brancos tem nas veias parcelas maiores ou menores de sangue africano, que todavia esquecem, rejeitam ou ignoram, sendo que em todos esses casos acabam por comportar-se como opressores dos que são considerados de cor. (CÂNDIDO, 2004, p. 238)

O preconceito racial promove os mais variados tipos de comportamentos, entre eles, aversão e a desumanidade. Portanto, o não discernimento da própria essência genética é capaz de conduzir o ser humano, a incidir no equívoco de discriminar pessoas, que possui na sua formação, idêntica característica primordial, a mestiçagem, que independe da característica da cor da pele.

Em consequência dessa discriminação aos negros, ficou ignorada a falta de oportunidade, bem como lhe foi rejeitada a chance de crescimento, tanto na área social, quanto no econômico. De acordo com Dispositivos Constitucionais Pertinentes, Lei no 12.288, de 20 de julho de 2010, é consolidada o Estatuto da Igualdade Racial, o art. 1º diz que:

(..) discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada; (BRASIL, 2010,p.13).

Segundo Brasil (2010), essa lei tem como objetivo segurar à população negra, a promoção da igualdade de oportunidades. A proteção dos direitos étnicos individuais e coletivos e o combate da discriminação racial e às excessivas maneiras de preconceito.

4.1 D. Amélia: “A pretinha de Muaná”

A personagem D. Amélia é nativa da cidade de Muaná, mas em Cachoeira chegou como companheira do Major Alberto. Ele é um homem branco e de boa condição financeira, por outro lado, D. Amélia é negra, neta de escravos, trabalhava nos seringais em sua terra natal, foi requisitada por Major Alberto para morarem juntos em Cachoeira do Arari, ela teve dois filhos: Alfredo e Mariinha. "- Quero uma pessoa pra ir comigo para cachoeira. Queres ir? (JURANDIR, 1995, p.78).

A maneira como Major Alberto seduz D. Amélia para Cachoeira e a forma que o convite é aceito e compreendido, mostra a conduta de superposição do homem e o enquadramento da mulher. Major Alberto almeja alguém para viver em sua companhia, e a elegeu por ser "uma pretinha que nunca andava molambenta e azeda" (JURANDIR, 1995, p. 78), podemos constatar que não há uma benfeitoria, mas uma indispensabilidade, que está associada ao episódio de ser uma boa oportunidade de Amélia transformar sua vida. Ecoa como exigência, tal a dominação da mulher sob soberania do homem. "Major refletiu que a sua viuvez sossegada se achasse uma companheira ilegal para ele" (JURANDIR, p.78)

Na obra a primeira façanha de D. Amélia é o episódio do poço, experiência que acontece com ela e o filho. No momento em que D. Amélia estava lavando umas camisas. Alfredo brincava, escorregou e caiu para dentro do poço, sem muito pensar, D. Amélia desce no poço raso e salva o filho. Desde esse acontecimento, não largou mais o menino, pois viver esse momento angustiante foi relembrar o episódio trágico do outro filho que morreu afogado.

Alfredo voltara de novo para os seus braços como se fosse o outro também voltasse. - Não quero que diga nada a ninguém. Não conte isso nem pro seu Alberto, ouviu bem? Estou lhe dizendo. - Com que tranquilidade o salvara! Refletiu admirada de sim mesma.

D. Amélia resolveu silenciar o fato, porque não queria Major Alberto e pessoas pensassem que era uma mãe irresponsável e que o tinha o destino de ser mãe de filhos afogados. Mas, D. Amélia demonstra ser uma mulher forte, corajosa e paciente. Em certo momento da narrativa aparece ironizando o filho, no entanto, era o seu jeito de brincar com o menino Alfredo. "- Menino feridente, dizia D. Amélia brincando" (JURANDIR, 1995, p.16). Ainda, "a calma de sua mãe, lavando e curando, talvez viesse daquele instante do poço onde Alfredo caiu" (JURANDIR, 1991, p. 2). D. Amélia representa o papel de mãe, ou seja, todo o amor, carinho e paciência que uma mãe tem por um filho.

Por outro lado, o primeiro episódio de preconceito racial sofrido por D. Amélia, acontece na atitude de Alfredo.

Quanto ao branco e preto, Alfredo achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta. Envergonhava-se por ter de achar esquisito. Mas, podia a vila toda caçoar deles dois se saíssem juntos. Causava-lhe vergonha, vexames, não sabia que mistura de sentimentos e faz de conta. Por que sua mãe não nascera mais clara? (JURANDIR, 1995.p. 20).

Alfredo sentia-se constrangido e angustiado pela situação contestável e discriminatória que sua família era submetida. Ou seja, a família era formada de maneira dicotômica. Por isso, sentia-se envergonhado só de imaginar Major Alberto e D. Amélia saindo juntos pelas ruas, pois acreditava que sofreriam deboche e caçoada pelo povo da redondeza. “Dr. Campos falava; -Major Alberto não gosta de café puro nem de leite simples. E sim, café com leite, com mais café que leite” (JURANDIR, p.80). Talvez o comportamento de Alfredo retratasse a reprovação social que ele também passava, ou seja, consequência de sua identidade étnica.

No momento em que Major “Foi buscar dona Amélia” (JURANDIR, p.78), houve a dura resistência, ou seja, a não aceitação. Amélia antes de se tornar “esposa” foi vítima de discriminação, ou seja, racismo. No romance as três filhas do primeiro casamento do Major Alberto: Marialva, Letícia e Natércia, não aceitavam a possibilidade de Amélia se tornar a “dona Amélia”, ou seja, uma esposa oficial de um homem branco, que tinha um poder aquisitivo razoavelmente. Para as filhas do Major Alberto, Amélia, queria ocupar uma posição social que não lhe pertencia, e nem tinha esse direito pela sua cor de pele e pela situação social.

As filhas brigaram, mandaram recados ameaçadores, peitaram gente para convencer Amélia a não dar aquele passo. Era uma pretinha. Se ainda fosse pessoa de qualidade... Mas uma pretinha de pé no chão! Quem logo! Seu pai estava de cabeça virada para uma negra. Uma cortadeira de seringa!(...) Amélia só fazia era soltar a sua risada (JURANDIR, p.78).

Podemos perceber na obra a predominância da segregação racial, ou seja, uma conduta radical de racismo e preconceito. Para a sociedade arcaica e defensora das convenções patriarcais que havia na época, ser preta é pobre era viver o desprestígio social.

Suas amigas animavam. - Vai, sua besta! só porque és preta, Mas és uma preta nova e limpa. És caprichosa. Vai. Deixa de ser besta e embarca. Tu vai tirá o pão da boca das filhas não. E depois vais mais que uma cozinheira do que rapariga dele. Vai (...). Amélia resolveu. Sou uma pobre. cozinheiro, lavo, engomo e depois é a minha sorte ir agora com ele. Sou mulher para trabalhar. (JURANDIR, p.78-79)

Mas, as amigas de D. Amélia deram-lhe tranquilidade e a incentivaram a aceitar a oportunidade. Entretanto, percebemos na obra que Amélia em certo momento aceita a sua situação social, ou seja, de pobre e necessitada, que não precisava ser apenas amásia. Na prática, D. Amélia exerce a função de esposa subordinada, que lavava, passava e cozinhava que vivia em função dos filhos e do marido. “Amélia ficou sendo em Cachoeira a “dona Amélia” (...)” (JURANDIR, p.80). A expressão “dona” Amélia apresenta duplo sentido, ou seja, na obra eventualmente a palavra “dona” denota para o significado de dona de casa, ou seja, mulher que cuida do lar, outras vezes significa dama/patroa. Mas, no dicionário de nomes próprios³, Amélia é uma variação do nome Amália, com procedência no alemão *Amal* que quer dizer “trabalho”. Portanto, Amélia é sinônimo de mulher submissa, eficiente aos ofícios domésticos e resignados.

5 Dalcídio Jurandir

Dalcídio Jurandir Ramos Pereira foi romancista e jornalista. Nasceu em 10 de janeiro de 1909, em Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó, Pará. Filho de Alfredo do Nascimento Pereira e Margarida Ramos, aos treze anos de idade foi morar na capital do estado, Belém, para estudar.

Em 1928, abandonou os estudos e viajou para o Rio de Janeiro. Lá, trabalhou como lavador de pratos e atuou como revisor da revista feminina Fon-Fon, sem receber remuneração. De volta a Belém em 1931, Jurandir assumiu alguns cargos públicos e começou a colaborar com a imprensa paraense, nos jornais *Imprensa Popular* e *O Radical* e na revista *Diretrizes*.

Casou em 1935 com Guiomarina Luzia Freire, com quem teve quatro filhos (um deles morreu na infância e outro na vida adulta, aos vinte e quatro anos). Comunista e participante ativo da Aliança Libertadora Nacional enfrentou perseguição política e foi preso duas vezes durante a Era Vargas. Em 1938, Jurandir retornou à cidade onde nasceu, na Ilha de Marajó, passando a trabalhar como inspetor escolar.

³Disponível em <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/amelia/> acesso em: 05 Nov,2019.

6 Resumo da Obra

A Obra "Chove nos campos de Campos de Cachoeira" teve a primeira edição publicada em 1940, após ganhar o prêmio Dom Casmurro presenteado pela Editora Vecchi. A narrativa se inicia com o episódio dos campos de Cachoeira queimados, era uma prática muito comum, as pessoas queimavam para abrir campos para a criação de búfalos, é uma prática muito comum na Ilha do Marajó. Com esse drama surge o menino Alfredo é a elementar exposição sobre seu carço de tucumã. Já estava localizado em seu universo, em seus entendimentos de menino que percebia o mundo ao seu redor. "Alfredo estava cansado, mais cansado ainda talvez porque perdera o carço de tucumã no principio dos campos queimados".

Várias histórias perpassam a narrativa, envolvidas pela paisagem marajoara, como: questões pessoais, íntimas, sociais e políticas do lugar. Tema de família e de instância popular. O Romance Chove nos Campos de Cachoeira é de estilo regionalista, especificamente da "Literatura Amazônia". O Fato ocorre na Ilha do Marajó, especificamente no município de Cachoeira do Arari.

A obra traz como protagonista principal Alfredo, Eutanázio, Major Alberto e D. Amélia, que moravam no chalé, era a família com maior prestígio social que havia na vila. Alfredo é um menino de apenas oito anos. Tem o corpo todo ferido, recebe todo o cuidado e a paciência de sua mãe, D. Amélia. Entretanto, Alfredo tem um sonho de estudar em Belém, vive entra a angustia e a desesperança.

Quando pequeno cai no poço e é salvo pela própria mãe, com a qual compartilha esse segredo. Pois, D. Amélia não quer que ninguém saiba o que aconteceu principalmente a jovem Lucíola, uma mulher que nunca casou e se considera mãe do menino, pois carrega a esperança de um dia ser reconhecida como mãe.

Alfredo vivia a lastimar da vida que tem em Cachoeira. Pois, não aguenta olhar a pobreza dos moradores do povoado, se irrita ao ver as vizinhanças na porta de sua casa pedindo comida e outras coisas. Outro fato angustiante para ele é presenciar os meninos da sua idade matar os passarinhos para comer. Também não entendia porque que D. Amélia "escondia" a doença de Eutánazio. "Era tentar compreender por que motivo D. Amélia não lhe explicava a doença de Eutánazio, misteriosa moléstia essa que parecia invadir todo o chalé". (JURANDIR, p.16).

Alfredo se sentia sozinho, por isso vivia brincando com o caroço de tucumã, aquele caroço que se perdeu nos campos queimados. O caroço de tucumã é um brinquedo de faz de conta, ou seja, uma espécie de amigo confidente. Que nos momentos de angústias e tristeza era com o caroço de tucumã que Alfredo conversava e desabafava suas aflições. "Alfredo sentou-se na escada. O caroço ficara nos campos queimados contando a história do faz- de- conta" (JURANDIR, p. 17).

Por outro lado, surge Eutânazio um homem de quarenta anos, que andava sempre sujo e desleixado, de temperamento bastante agressivo. Vive sem nenhum objetivo na vida, seu único prazer é mendigar o amor da jovem Irene, a qual esnoba com seu riso. Eutânazio é filho apenas do major Alberto com a primeira mulher que é falecida. Ele tem uma rejeição pela própria mãe. Eutânazio matem relações sexuais com Felícia e acaba contraindo sífilis, e acaba morrendo.

Na obra tem a família pandemônio que é a família do seu Cristóvão, a família mais conhecida da vila, porque lá havia brigas, discussões e fofocas. Era a local preferido de Eutanázio, lá morava a jovem Irene. "Um pandemônio aquela casa" (JURANDIR, p.44)

Considerações Finais

A relação da cor da pele e à condição socioeconômica tem base histórica. Embora no Brasil preconceito e a discriminação contra os negros ainda persistam nas práticas sociais, tais atitudes discriminatórias e racistas devem ser combatidas a todo instante na sociedade. Por outro lado, apesar das intolerâncias raciais existente, a causa negra tem obtido importantes conquistas, como: a inclusão do ensino da História da África e da Cultura Afro brasileira nos currículos escolares e a propagação de leis para coibir o racismo.

O romance Chove nos Campos de Cachoeira, é uma obra Amazônica. Que busca retratar com perfeição o cotidiano de uma pequena vila de cachoeira do Arari, na ilha do Marajó. O escritor paraense Dalcídio Jurandir dispõe para a Literatura contemporânea um romance que apresenta uma narrativa enigmática, pela conformidade do narrador e personagem por meio de uma ligação psicológica.

Contudo, apresenta inúmeros argumentos que se desfaz numa descrição densa, de ousado valor significativo, como intrigas e personagens que aparecem sempre incluídos em questões humanas e sociais.

Na narrativa podemos perceber que a personagem de “D. Amélia” em vários episódios da narrativa, procura evidenciar suas peculiaridades por ser mulher negra, características, que vão muito além da cor de sua pele, ou das condições socioeconômicas. A personagem na obra representa as mulheres negras que no Brasil sofrem o preconceito racial e a discriminação. Mulheres guerreiras e corajosas, que buscam através das relações sociais a visibilidade e os espaços na sociedade. Assim, concluímos que não existe diferença entre as raças. As diferenças existentes na sociedade são promovidas por ações preconceituosas. Atitudes essas que se baseiam em valores, crenças e ideologia, ou seja, está ligado ao campo imaginário e pensamento.

Referências

BRASIL. **Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Prêmio Mulheres Negras Contam sua História. Brasília, DF, 2013. p.22

_____. **Estatuto da igualdade racial**. Brasília, DF, 2010. p.13

_____. Conselho Federal de serviço social. **Assistente Social no combate ao preconceito- Racismo**. Brasília, DF, 2016. p.11

CANDIDO, Antonio. **O Observador Literário**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.p.238

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª. São Paulo:Boitempo,2016.2 p.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>> Acesso em 14 nov. 2019.

GIACOMINIS, Maria. Mulher e escrava, uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Local: Vozes, 1988.

GELEDES. **Consciência Negra**: um longo caminho para a liberdade. Disponível em:<<http://www.geledes.org.br/consciencia-negra-um-longocaminho-para-liberdade>> Acesso em: 16 de agosto de 2019

A HISTÓRIA DOS ESCRAVOS Disponível em: <https://www.historiaillustrada.com.br/2014/04/raras-fotografias-escravos-brasileiros.html> Acesso em: 16 de setembro de 2019.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 4 ed. Belém: Cejup, 1991.p. 294.

PERES, E.S.;AZEVEDO,A.D. **A Presença na Amazônia:** um olhar sobre a vila de mangueiras em Salvaterra (PA). Revista Marupíira,v.2,2015 Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/marupiira/article/view/909>>. Acesso em: 16 de Setembro.2019.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão.** Brasília MIC/SECULT, 1988.